

# A COAGULAÇÃO DOS PONTEIROS: RELÓGIOS E OUTRAS MÁQUINAS DO TEMPO NA LITERATURA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Vincenzo Russo

*Cátedra António Lobo Antunes*

*Università degli Studi di Milano-Camões*

**Resumo:** A necessidade de uma medida única do tempo marcado por um utensílio – aparentemente tão burguês e moderno - como o relógio é o centro da reflexão filosófica do século XX pelo menos na interpretação que Heidegger dá do homem como *ser-no-mundo*. A literatura de Lobo Antunes recolhe o desafio de reconfigurar o grande arquivo das imagens ligadas ao tempo do relógio que no contexto histórico e espacial do Portugal pós-colonial já não vale. O tempo do relógio funciona mal ou inutilmente. Tal como nos é contada nos romances de António Lobo Antunes, a história já não se submete à tirania do tempo linear dos relógios. Novas temporalidades precisam de outras máquinas de medir o tempo.

**Palavras-chave:** Portugal, Pós-colonialidade, História, Relógios, Tempo.

**Abstract:** The need for a unique measure of time marked by a tool apparently as bourgeois and modern as the clock is the centre of 20th-century philosophical reflection, at least in Heidegger's interpretation of man as *In-der Welt-sein*. Lobo Antunes' works collect the challenge of reconfiguring the large archive of images connected to the time of the clock that, in the historical and spatial context of post-colonial Portugal, is no longer valid. Moreover, clock time works poorly or unnecessarily. As we are told in the novels of António Lobo Antunes, history no longer submits to the tyranny of the linear time of clocks. New temporalities need other time-measuring machine.

**Keywords:** Portugal, Post-coloniality, History, Clocks, Time.

– Singular caso! – disse ele – tenho este relógio há doze anos: é a primeira vez que pára, tendo corda. Se o ar sulfúrico de Vizela tiver sobre o dono a influência que tem sobre o relógio, serei obrigado a parar; e parar, diz não sei quem, é morrer.  
Camilo Castelo Branco<sup>1</sup>

A partir da representação de um tempo *coagulado* dos ponteiros, em *Arquipélago da Insónia* – onde a metáfora hematológica remete a uma semântica do risco e da doença que o léxico médico bem explora – é nossa intenção mapear algumas imagens de objetos insólitos e desatualizados, *oggetti desueti* na conhecida expressão de Francesco Orlando (1993), como as dos relógios e das outras máquinas do tempo que a Literatura de António Lobo Antunes vai arquivando num vasto catálogo de coisas, de (des)utilidades cotidianas, de utensílios domésticos que deveriam, mais ou menos objetivamente, medir o Tempo conforme o estatuto que a Modernidade ocidental conferiu a esses mecanismos “regulados” e reguladores: máquinas do tempo reguladoras tanto numa dimensão política e de sociabilidade como na dimensão privada (Mayr, 1989; Landes, 1983). Nascido para medir o tempo, o relógio foi impondo aos homens medições cada vez mais cuidadas de atividades que dantes não eram medidas ou eram medidas só com alguma aproximação. De tal forma, o relógio satisfaz algumas necessidades, mas também criou outras novas, produzindo as condições para a sua difusão e proliferação já a partir da Idade Média (Cipolla, 1996, p. 89). O relógio está sempre associado a uma representação do tempo e a uma visão de mundo, tal como paradigmaticamente aparece na reflexão de Heidegger acerca do tempo do relógio (Heidegger, 1976). E se, hoje em dia, ele está reduzido ao estatuto de prótese acelerada e preciosa dos ritmos diários que, no melhor dos casos, assume o rosto do vazío pneumático da jóia de alta precisão ou de micro-computador *multitasking*, em outras épocas seu valor era diferente e se identificava com os tempos da comunidade, com a dimensão sagrada da meditação sobre a *Vanitas*, que tanta figuralidade barroca exploraria até a exaustão, com o despótico controle do tempo de trabalho por parte dos patrões. O relógio era, ao mesmo tempo, a imagem do mundo, a metáfora do corpo, do estado e da harmonia celeste. Trazia em si uma dupla natureza de objeto físico e metafísico que media, como ainda mede, o que não é mensurável: o tempo. Supremo autômato, o objeto cronométrico foi assumindo significados que só na aparência ultrapassavam a sua natureza de manufato mecânico, mas que na realidade expressavam a profundidade arquetípica de um símbolo entre os mais inquietantes que a humanidade terá produzido. Toda a metaforologia do relógio remete para duas ideias-limite: por um lado, a euforia e a absurda *hybris* de controlar o ritmo do tempo, por outro, a melancólica e entrópica consciência de uma perda: o relógio é a imagem cotidiana, um *memento* útil e terrível do irreparável do tempo humano.

---

<sup>1</sup> Camilo Castelo Branco, “Gracejos que matam” in *Novelas do Minho*, volume 1, Lello & Irmão Editores, Porto, 1980, p. 19 (1ª edição 1875).

De uso simbólico na dimensão social, o relógio passa a ter o mesmo uso simbólico e até sagrado, também nas artes e na literatura: esses mecanismos cronométricos despertaram a curiosidade dos homens de cultura: a refinação dos dispositivos e a maravilha que eles suscitavam tornaram os relógios (como nos conta, na *História do Tempo*, David Landes) aptos a penetrar nas representações artísticas, nas recolhas de curiosidades em que eles jaziam ao lado de artefatos históricos, de monumentos, de maravilhas naturais e artificiais... A presença deles nos ateliers e nas *Wunderkammern* de arte começou a ser constante.

Há na série de pinturas de Brueghel e Rubens intitulada *Os Cinco Sentidos* o quadro “O Ouvido” (que está no Museu do Prado) em que o relógio está associado ao sentido da audição mais que ao sentido da visão. Mais do que objeto por ver e ser visto, o relógio tal como está representando nas imagens literárias de António Lobo Antunes tem mais a ver com a audição. A propósito, a música do tempo dos relógios deve ser lida em contraponto com a música dos instrumentos como bem assinalou Maria Alzira Seixo (2002). E quando António Lobo Antunes afirma que: “O meu trabalho consiste apenas em conseguir ouvir” não nos estará dando um indício crítico para ler certos mecanismos da sua máquina narrativa?

É dentro duma reconfiguração temporal que remete a uma semântica histórica de transição entre um tempo-espaco lusofrancês e colonial (o bater do relógio como “coração da casa”) e uma perda entrópica de referencialidades temporais da fraturada condição pós-colonial portuguesa que se projeta inteiramente no romance *Esplendor de Portugal*. É esse o romance que nos permite refletir sobre o estatuto do ouvido como sentido dos relógios e do tempo. Ouvir o bater do relógio estabelece, na representação narrativa, a possibilidade ontológica de atrasar a morte, de procrastinar o luto, de aguentar-se “vivos”. O deslocar a noite do homem, e o afastar o silêncio da morte um pouco mais para lá, são garantidos pela dança do movimento rítmico do pêndulo. Ouvir obriga hipnoticamente a ver. A visão é um sentido apenas complementar na funcionalidade orgânica do relógio.

Durante muitos anos se me acontecia acordar antes dos outros pensava que o bater do relógio de parede na sala era o coração da casa e ficava horas e horas de olhos abertos quieto no escuro a ouvi-la viver na certeza de que enquanto o pêndulo dançasse sistole diástole nenhum de nós morreria<sup>2</sup>.

Tal como tinha intuído Walter Benjamin, segundo o qual a materialidade do objeto em si contribui para definir “o medium da percepção”, melhor dizendo, a constelação dos pequenos objetos-fragmentos da vida quotidiana tem a capacidade de influenciar os movimentos mais microscópicos do homem moderno e a sua organização sensorial do real. Desta forma, o relógio, em *Esplendor de Portugal*, implica uma experiência sensorial do tipo óptica, isto é, fantasmagórica.

---

<sup>2</sup> António Lobo Antunes. *O Esplendor de Portugal*. Lisboa, D. Quixote, 1996. p. 95.

Por muita técnica que o funcionamento do relógio implique, por muita projetualidade industrial que ele carregue, o relógio de António Lobo Antunes restitui ao objeto a carga de uma fascinação antropológica que se substancia em desejos, fantasias ou apenas pesadelos. “Os objetos são a pele da vida associada, são a superfície de dinâmicas invisíveis” (Tramontana, 2019, posição Kindle 383).

Aparecido como instrumento para medir o tempo, o relógio foi cada vez mais reconfigurado como símbolo misterioso do tempo, como enigma por decifrar, uma admirável invenção humana, *memento* portátil e visível da fuga da vida para a morte, mas também - como conta Carlo M. Cipolla nas *Macchine del tempo* - como “amuleto” para a penetração dos jesuítas na China dos mandarins (o protagonista dessa história é o padre Matteo Maria Ricci, o celebre jesuíta italiano primeiro autor de um *Dicionário Português-Chinês* (Pu-Hua Cidian 葡华辞典, de 1584).

Se é verdade que na Modernidade a relação entre objetos e sociedade adquire uma nova configuração, a literatura de António Lobo Antunes - com a sua vasta enciclopédia de objetos (como os relógios) - ajuda não só a interpretá-los como “mercadorias” mas também a iluminá-los como catalizadores de signos e fantasmagorias do tempo (à maneira de Walter Benjamin). Convém lembrar, muito de passagem, um indício que nos devia alertar: um dos primeiros objetos a aparecer na obra de António Lobo Antunes na segunda linha de *Memória de Elefante* é o relógio do convento da fachada do Hospital. A nossa perspetiva crítica não pretende ser uma operação classificatória das imagens dos relógios, sobretudo domésticos, nos romances antunianos: exercício esse que já foi, pelo menos parcialmente, realizado por Maria Alzira Seixo (tanto no volume *Os Romances de António Lobo Antunes* quanto no *Dicionário* onde, como sabemos, consta um verbete dedicado a esses instrumentos de cálculo e controle, que “parecem fascinar” o autor pela vasta imagética temporal que as crónicas e os romances desenham). Nesse verbete está logo referenciada a crónica “O relógio” do *Terceiro Livro das Crónicas*. A nossa perspetiva procurará argumentar como funciona a metaforologia da temporalidade que os relógios implicam entre norma e exceção, entre fluir e intervalo, entre síncope e fim: “A Teresinha descia os degraus e um instante depois a cadeira e o tango calavam-se e os passos recomeçavam, desregulando os relógios” (Lobo Antunes, 1992: p. 113).

Dispositivos de um tempo *apprivoisé*, tal como foram estudados por Felipe Cammaert (que mostra como as tecnologias de Mnemosyne, da memória nem sempre obedecem à tecnologia e à tautologia do tempo cronológico estabelecidos pelos relógios, sejam eles públicos ou domésticos), os muitos relógios antunianos (relógios de cuco, relógios de pulso, relógio de parede, relógio de torre, caçarolas, etc...) não se apresentam apenas como máquinas avariadas (Cammaert, 2009, 2010): mais do que isso, nas imagens da literatura de Lobo Antunes, o relógio exhibe a sua não-funcionalidade. A violenta interrupção de toda a funcionalidade normal é condição para a re-escrita de uma nova, desregulada – ao mesmo tempo coagulada ou dilatada – semântica do tempo representado. Na esteira da concepção de Francesco Orlando que concebe a Literatura como grande acervo, magmático arquivo do retorno do recalçado, isto

é, uma literatura que acolhe um retorno do recalcado anti-funcional, as imagens de relógios (ou algumas delas) nos romances de António Lobo Antunes exibem uma predileção (que é própria da Literatura) por coisas, por objetos anti-funcionais. A predileção em recolher, arquivar objetos como os relógios cuja funcionalidade é negada ou subvertida pelo espaço imaginário da literatura permite realçar na escrita antuniana uma (nem sempre disfarçada) vocação em contradizer a ordem do real, a ordem social de um tempo histórico e político. O relógio, em muitos casos, em Lobo Antunes é representado através de uma imagem de coisa inútil, envelhecida ou inusual, à beira do Kitsch (como viu Alzira Seixo): o relógio-tralha, o relógio-resto é aquilo que - utilizando o léxico de Francesco Orlando - podemos etiquetar de *oggetto desueto* como aparece, a um leitor de 1996 para cá, o relógio de cuco do *Manual dos Inquisidores*.

É no primeiro *comentário* desse romance que se desenha a narração do relógio de cuco da casa do Barreiro, de antigos familiares que hospedam a família de Odete, desalojada da quinta da Palmela, o antigo espaço do *ancien régime* salazarista. O relógio de cuco do Barreiro (simulacro da temporalidade desajustada do pós-25 de Abril) tem como contraponto o relógio da quinta de Palmela, simulacro de uma temporalidade outra, a do “pré-25 de Abril” por assim dizer. É a história da microfísica do pormenor que o cuco simboliza, que nos permite reconhecer como a exibição de um objeto que devia por antonomásia ser funcional encarna pelo contrário a anti-funcionalidade (o cuco parece ter vida, parece tornar-se ave em carne e plumas): a destruição do cuco pelo dono da casa, esse homem embalado pelo medronho e entediado (como Odete) pelo seu fastio bater, o posterior arranjo tentado e falhado pelo pai da jovem Odete, onde se entende que a não-funcionalidade do objeto é identificada não tanto como o fato de o relógio não bater as horas certas (“piava horas inventadas e meio-dias boreais”) mas com a irreverência do cuco (“punha-se a mangar conosco do postigo”), a sepultura do cuco pela mão do pai que o fecha no postigo e a morte por sufocamento do cuco. A compra de um relógio de cuco novo representa a substituição do cuco oferecido (que vinha de um tempo de transição, o apartamento-refúgio pós-25 de Abril) para um cuco de propriedade que já não toca, mas apenas assinala as horas. A insônia de Odete (cuja memória é assombrada pelas violações do Dr. Francisco, esse pai-patrão-pai “eterno”, de um tempo e de um espaço que é o salazarismo) já não tem ou não teria álibi. Sem a pungente música dos ponteiros (e a etimologia de ponteiro vem de “algo que fere, que punge”), ela poderia adormecer. A libertação das horas batidas, do bater do relógio nas casas do Barreiro será que proporciona uma “outra” e mais funda libertação? *Livres de quê?* É a pergunta que paira no ar não apenas para Odete, nesse tempo “novo” pós-tudo que é o pós-25 de Abril.

Dentro do universo dos relógios públicos e privados que a literatura antuniana foi inventando, seria interessante analisar um caso de relógio de propriedade individual cuja tipologia por si só remete para outra sensibilidade temporal e para outro imaginário. É esse o caso do relógio da personagem que assumindo a voz do narrador da crónica é, ou parece ser, o próprio autor nessa *porta de vai-vem* que constitui o pacto autobiográfico num gênero tão híbrido como a crónica. Acreditando ou não na identificação

entre o protagonista do *plot* textual e o autor António Lobo Antunes, o certo é que esse relógio do narrador é um dispositivo que como um desafio interroga os interstícios que os ponteiros criam e recriam e que nos interroga acerca do tempo e da insuficiência humana em medi-lo e representá-lo.

Só de pensar na tua alcofa vibra ele como uma folha, coitado, nem se atreve a tocar-te, tem medo de te magoar, palerma. Lá vai na coluna em direção à mata, lá está hoje com o pote das esferográficas à frente e o relógio sempre em pé que não marca a hora certa, a escrever. Há ocasiões em que o relógio não marca hora nenhuma, outras em que se lembra de repente.

- Sou um relógio.

e mete no mostrador uns números impossíveis. Por exemplo agora, que é manhã, jura que vinte e três e onze. Outras ocasiões vem-lhe à ideia a data.

- Deixa-me cá anunciar a data.

e sugere um mês ao calhas. Como este, junho, na intenção de me obrigar a acocorar-me no muro de abrigo. Ou talvez sem intenção, sou injusto, desculpa relógio. Deu-me um delegado de informação médica, faz propaganda a um antidepressivo, toco-lhe com a pontinha do dedo e fica séculos a dançar na bola cromada da base. Por esquisito que pareça é uma companhia. Se tu nascesses agora estou em crer que me avisava<sup>3</sup>.

Não interessa aqui explorar toda a intratextualidade antuniana relativa à representação da Guerra Colonial e a esse momento primigénio da memória literária do autor que é o nascimento *in absentia* da primeira filha, cujo nome dá o título da crónica, tal como nos é dada nos romances, nas crónicas e nas *Cartas de Guerra*: o que mais interessa é a cristalização retórica do tempo desregulado do relógio nunca, quase nunca, ou apenas ocasionalmente, sintonizado com o tempo do sujeito. Contar com a intencional ou não, com a irónica ou não, desregulação dos ponteiros a dançarem na bola cromada de base até pode ser uma solução. O relógio deve ser sempre respeitado. Pode sempre acontecer que anuncie a vida. É só uma questão de acertar contas.

## Bibliografia

Antunes, António Lobo. *A Ordem Natural das Coisas*. Lisboa, D. Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Manual dos Inquisidores*. Lisboa, D. Quixote, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Esplendor de Portugal*. Lisboa, D. Quixote, 1996.

\_\_\_\_\_. *Quinto Livro de Crónicas*. Lisboa, D. Quixote, 2013 (4ª edição).

Cammaert, Filipe. «Dispositif: les horloges» in *L'écriture de la mémoire dans l'œuvre de ALA et Claude Simon*, Paris, L'Harmattan, 2009.

\_\_\_\_\_. “O relógio avariado: sobre algumas representações do ‘tempo da memória’ na obra de António Lobo Antunes, in ACT 20 - FILOLOGIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, org. de Fernanda Mota Alves... [et Al.], Lisboa, Húmus, 2010.

---

<sup>3</sup> António Lobo Antunes. *Quinto Livro de Crónicas*. Lisboa, D. Quixote, 2013 (4ª edição). p. 15.

- Cipolla, Carlo M. *Le macchine del tempo*. Bologna, il Mulino, 1981.
- Heidegger, M. *Essere e tempo*. Milano, Longanesi, 1976 (4ª edição). [Ed. orig. *Sein und Zeit*. Tübingen, Günter Neske, 1959].
- Landes, David S., *Revolution in Time*. Belknap Press of Harvard University Press, 1983.
- Mayr, O., *Authority, Liberty, and Automatic Machinery in Early Modern Europe*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1989.
- Orlando, Francesco. *Gli oggetti desueti nelle immagini della letteratura: rovine, reliquie, rarità, robaccia, luoghi inabitati e tesori nascosti*. Torino, Einaudi, 1993.
- Seixo, Maria Alzira, *Os Romances de António Lobo Antunes*. Lisboa, Dom Quixote, 2002.
- Seixo, Maria Alzira (org.), *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*, 2 volumes, IN-CM, Lisboa, 2008.
- Tramontana, Antonio, *I cristalli della società. Simmel, Benjamin, Gebler, Baudrillard e l'esistenza multiforme degli oggetti*. Milano, Meltemi, 2019.

**Vincenzo Russo** é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Milão. Entre os seus volumes: *Tenebre Bianche. Immaginari coloniali fin-de-siècle* (2008); *Suspeita do Aveso. Barroco e Neo-Barroco na Poesia Portuguesa Contemporânea*, 2008; com R. Vecchi, *La Letteratura Portoghese. I testi e le idee*, (2017), *La Resistenza continua. Il colonialismo portoghese, le lotte di liberazione e gli intellettuali italiani* (2020). Publicou edições italianas de autores portugueses, brasileiros e africanos (João Paulo Borges Coelho, Bocage, Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, Eça de Queirós, Boaventura de Sousa Santos, Pepetela, Vergílio Ferreira, Lima Barreto, José Luís Peixoto). Desde julho de 2014 é Secretário Geral-Tesoureiro da AIL (Associação Internacional de Lusitanistas). Desde outubro de 2018 é responsável da Cátedra António Lobo Antunes (Instituto Camões – Universidade de Milão).